



## POSSIBILIDADES DE PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA E SUA ARTICULAÇÃO COM AS CIÊNCIAS SOCIAIS

Angelica Alves da Cunha Marques

Universidade de Brasília (UnB) – Brasil

### RESUMO

Esta comunicação apresenta os resultados de uma pesquisa que contemplou um projeto de iniciação científica, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado sobre a formação e configuração da Arquivologia como disciplina científica no País e suas interlocuções com as práticas e o pensamento arquivístico internacional. Em suas três fases, a pesquisa caracterizou-se como qualitativo-quantitativa, amparada na análise de fontes documentais. Os referenciais teóricos utilizados apoiaram-se em autores da História, Sociologia e da Filosofia, a partir dos quais pôde-se compreender as trajetórias da Museologia, da Biblioteconomia, da Documentação, da Ciência da Informação e da Arquivologia, tendo em vista seus diálogos, conflitos e alianças no campo da informação. Esta comunicação busca, assim, mostrar as possibilidades de pesquisa em Arquivologia, quanto aos métodos, às fontes primárias e à sua articulação com teóricos das Ciências Sociais.

**Palavras-Chave:** Arquivologia; Campo da Informação; Interlocuções Arquivísticas; Ciências Sociais.

### ABSTRACT

This communication presents the results of a piece of research which contemplated a scientific initiation project, a master's dissertation and a doctorate thesis about the formation and configuration of Archival Science as a scientific discipline in Brazil and its interlocutions with international Archival Science practices and thinking. In its three stages, this research was characterized as qualitative-quantitative, supported by the analysis of documental sources. The theoretical references used were supported by authors in History, Sociology, and Philosophy, from which the routes of Museology, Library Science, Documentation, Information Science, and Archival Science could be comprehended, aiming at their dialogues, conflicts, and alliances in the information field. This communication thus seeks to show the possibilities of research in Archival Science, regarding methods, primary sources, and its articulation with theoreticians of Social Sciences.

**Keywords:** Archival Science; Information Field; Archival Science Interlocutions; Social Sciences.

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta comunicação apresentaremos os resultados de uma pesquisa desenvolvida nos últimos nove anos e que contemplou um projeto de iniciação científica sobre o mapeamento das pesquisas arquivísticas no Brasil (CUNHA; RODRIGUES, 2003), uma dissertação de mestrado acerca dos espaços e dos diálogos da formação e configuração da Arquivologia como disciplina científica no País (MARQUES, 2007) e uma tese de doutorado relativa às interlocuções entre a Arquivologia nacional e a internacional no seu delineamento no cenário brasileiro (MARQUES, 2011).

Em suas três fases, a pesquisa caracterizou-se como qualitativo-quantitativa, amparada na análise de fontes documentais do Fundo Arquivo Nacional (AN), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), da *Asociación Latinoamericana de Archivos* (ALA), dos *Archives Nationales de France* e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Os referenciais teóricos utilizados, especialmente na última fase da pesquisa, apoiaram-se em autores da História, Sociologia e da Filosofia, que subsidiaram a compreensão das práticas arquivísticas em sintonia ao delineamento científico da Arquivologia como disciplina. Em torno desse objeto foram, então, analisadas as definições de sistema de profissões (ABBOTT, 1988); campo dos acontecimentos discursivos (FOUCAULT, 2005); disciplina científica, interdisciplinaridade – e definições afins –, com base em vários autores apresentados na dissertação (MARQUES, 2007); evolução científica, comunidade científica e paradigma (KUHN, 2005); campo científico (BOURDIEU, 2001) e campo transcientífico (KNORR-CETINA, 1981).

Diante do relato da investigação, esta comunicação busca mostrar as possibilidades de pesquisa em Arquivologia, quanto aos métodos, às fontes primárias e à sua articulação com teóricos das Ciências Sociais.

## 2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

Os referenciais teóricos utilizados na tese (MARQUES, 2011), parte da pesquisa que ampliou e aprofundou os resultados das fases anteriores, buscaram, na Sociologia e na Filosofia, definições que subsidiassem a compreensão das práticas e dos delineamentos científicos da Arquivologia nos contextos nacional e internacional.

Para tanto, partimos do Método da História Cruzada, uma abordagem relacional que busca os elos sociais historicamente constituídos, evidenciando uma “cultura de recepção” diante dos aportes estrangeiros nas suas contribuições para a cultura nacional (WERNER; ZIMMERMANN, 2003, p.95).

Inicialmente, apoiamo-nos no estudo de Abbott (1988) para compreendermos o desenvolvimento das práticas arquivísticas, ou seja, a sua gênese discursiva, até a sua configuração como disciplina científica, que passa por um processo de profissionalização. Segundo esse autor, a formação de uma profissão decorre das necessidades sociais e o conjunto das profissões que constituem um sistema, seu contexto de desenvolvimento (inclusive considerando os conflitos entre os grupos profissionais pela disputa de poder), contemplando a história das profissões no âmbito das suas lutas: a interdependência das profissões caracteriza o sistema, no qual cada profissão luta pelo domínio e controle da sua jurisdição. Ou seja, cada profissão se dedica a um conjunto de tarefas às quais está ligada pelos “laços de jurisdição” (ABBOTT, 1988, p.33, tradução nossa). Esses laços são influenciados por forças internas e externas ao sistema de profissões, criando, extinguindo ou remodelando as tarefas profissionais. Nesse sentido, apreendemos as práticas arquivísticas, desenvolvidas desde a Antiguidade e que perpassaram séculos, culminando na configuração mais recente da área, como disciplina científica no âmbito do campo da informação.

Baseamo-nos nas reflexões de Foucault (2005) acerca da formação discursiva e da sua circulação no âmbito das relações de poder e da institucionalização do saber. Sua abordagem comporta, dessa maneira, duas dimensões, que representam direcionamentos metodológicos complementares: 1) a arqueologia dos saberes, a qual delinea as problematizações por meio da investigação do surgimento e da transformação dos saberes, explicitando o nível do

discurso; 2) e a genealogia, que se volta para a prática que abrange as relações de poder, isto é, o caráter estratégico dos discursos. Foucault analisa, também, as regras de formação dos objetos de discurso, o seu regime de existência, cujas delimitações contemplam: a demarcação das superfícies da sua emergência, as conjunturas que variam de acordo com as diferentes sociedades, épocas e formas de discurso; a descrição das instâncias de sua delimitação; e a análise das grades de especificação, dos sistemas de separação, oposição, associação, reagrupamento, classificação e derivação. No âmbito do nosso objeto de estudo, consideramos, inspirados nessa abordagem, as instituições arquivísticas, o conjunto de indivíduos que configuram a comunidade de arquivistas, o seu saber e as suas práticas que perpassam as diferentes tendências históricas arquivísticas internacionais e nacionais em interação e que são, muitas vezes, institucionalizados.

Para a definição de disciplina científica, retomamos o quadro sintético da dissertação (MARQUES, 2007, p.54), utilizado como o ponto de partida para as nossas reflexões acerca do delineamento científico da Arquivologia no Brasil. Observamos que alguns autores distinguem as definições de disciplina curricular e de disciplina científica. Embora a Arquivologia tenha sido uma disciplina curricular por muito tempo, no escopo de outros cursos (principalmente de Biblioteconomia e História), consideramos uma abordagem maior em nossos estudos, que conjuga objeto e métodos na caracterização de uma disciplina científica.

Nesse sentido, Bourdieu contempla três níveis do trabalho científico: a disciplina, o subcampo e a especialidade. Todavia, na sua análise, os três níveis são tomados como sinônimos e ele explica que: “Cada disciplina (como campo) é definida por um *nomos* [lógica] particular de visão e de divisão, um princípio de construção da realidade objetiva irreduzível àquele de uma outra disciplina” (BOURDIEU, 2001, p.103, tradução nossa). Para esse autor, a disciplina é um campo relativamente estável e delimitado e, portanto, em princípio fácil de identificar: ela tem um nome reconhecido escolar e socialmente; ela está vinculada a instituições, a laboratórios, a departamentos universitários, a revistas, a instâncias nacionais e internacionais (congressos), a procedimentos de certificação de competências, de sistemas de retribuição, de preços, etc. Ele lembra que a noção de campo científico retoma, simultaneamente, a unidade existente na ciência e as diversas posições que as diferentes disciplinas ocupam no espaço, isto é, sua

hierarquização. O que acontece no campo depende dessas posições e este pode ser descrito como um conjunto de campos locais (disciplinas), que têm em comum interesses e princípios mínimos. Foi, portanto, a partir desses posicionamentos que visualizamos o campo da informação, como um espaço que abriga as disciplinas que têm por objeto a gênese, organização, comunicação e recuperação da informação.

As diversas definições acerca das relações entre disciplinas – multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade apresentadas na dissertação (MARQUES, 2007) – puderam ser, então, utilizadas para a compreensão das relações da Arquivologia com outras disciplinas e, especialmente, para o estudo da hipótese proposta quanto à aproximação entre esta e a Ciência da Informação (CI): a constituição e o fortalecimento da CI como campo (trans)científico, após a Segunda Guerra Mundial (mais especificamente na Década de 1970 no Brasil, com o primeiro mestrado na área) teria propiciado uma maior aproximação entre essa disciplina e a Arquivologia, que como uma área tradicionalmente marcada por uma forte vertente prática, teria buscado, na CI, o abrigo institucional para o desenvolvimento do seu viés acadêmico, sobretudo pela produção de dissertações e teses e pelo seu pertencimento ao campo da informação.

A noção de campo transcienceífico foi trabalhada com base no estudo de Knorr-Cetina, o qual ultrapassa a visão da construção da ciência em torno de si própria e dos seus agentes, concebendo as suas relações com outras instituições e agentes não-científicos. A autora afirma que o campo transcienceífico “remete a redes de relacionamentos simbólicos que em princípio vão além dos limites de uma comunidade científica ou do campo científico” (KNORR-CETINA, 1981, p.81-82, tradução nossa). A flexibilidade da sua definição, mais precisamente, a sua indeterminação nos campos de relações sociais, considera que “Esses campos não somente atravessam as fronteiras de um grupo de especialidade, como também se encolhem e se expandem em resposta às questões em jogo”, cuja dinâmica desdobra-se na simétrica relação “recursos-relacionamentos” (KNORR-CETINA, 1981, p.83, tradução nossa). Desse modo, ela leva em conta a interação de diversos agentes, além do cientista no laboratório, como o reitor da universidade, os funcionários do governo, os funcionários administrativos do instituto de pesquisa, os

membros ou representantes da indústria e o editor-executivo de uma editora. Esse enfoque possibilitou-nos, assim, a compreensão da trajetória da Arquivologia para além dos espaços científicos e universitários.

Embora aparentemente incompatível com as abordagens anteriores e com as Ciências Sociais Aplicadas que abrigam a Arquivologia<sup>1</sup>, a exemplo de alguns estudos da área, consideramos o estudo de Kuhn quanto aos parâmetros de desenvolvimento das Ciências Naturais, encadeados no esquema da evolução científica: ciência normal / crise / pesquisa extraordinária / revolução / nova ciência normal / nova crise (KUHN, 2005). Mediante as definições de paradigma e comunidade científica, esse estudioso concebe uma cultura na qual o conceito do objeto a ser estudado esteja disponível, isto é, seja transmitido de uma geração à outra (KUHN, 2006), o que pareceu-nos relevante para estudar a comunicação do pensamento arquivístico ao longo do tempo.

Levando em conta as relevantes reflexões e contribuições de Kuhn acerca do desenvolvimento científico, retomamos algumas das suas principais ideias, sempre nos lembrando das suas limitações, quando recontextualizadas nas Ciências Sociais. Ainda que o autor defenda a existência de apenas um paradigma em um dado período, questionamo-nos sobre a coexistência de paradigmas e revoluções científicas na constituição da comunidade arquivística no mundo e no Brasil (considerando, evidentemente, as particularidades dessa disciplina), a exemplo de Oliveira (1997), que elaborou um estudo sobre a Antropologia.

A análise entrecruzada desses autores na pesquisa aqui relatada, nas suas distintas abordagens (convergentes e divergentes), decorreu, sobretudo, da sua complementação. Tendo em vista a complexidade do nosso objeto, julgamos essencial estudá-lo sob diversos ângulos, ou seja, pelo olhar de diferentes autores.

### **3 PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS**

Como mencionado anteriormente, a pesquisa desdobrou-se em três fases, com procedimentos específicos e complementares em torno da sua abordagem qualitativo-quantitativa. Além do levantamento da bibliografia relacionada à Arquivologia e daquela que pudesse subsidiar nosso estudo dos contornos e

relações extradisciplinares da área, descrevemos, sucintamente, as etapas que passaram nossa investigação.

Na primeira fase, relativa ao projeto de iniciação científica (CUNHA; RODRIGUES, 2003):

- mapeamos os cursos de Arquivologia no Brasil (universidades, vínculos acadêmico institucionais e datas de criação);
- identificamos a participação de professores e alunos desses cursos em pesquisas de iniciação científica (orientadores, bolsistas, títulos dos projetos, agências financiadoras / bolsistas voluntários, anos de produção do projeto);
- mapeamos os cursos de pós-graduação em CI no Brasil (universidades, programas, curso) – mestrado e/ou doutorado –, início de funcionamento e linhas de pesquisa) e as dissertações e teses com temas arquivísticos, produzidas nos programas de pós-graduação nacionais (universidades, autores, títulos, anos de defesa, orientadores/co-orientadores).

As três etapas foram realizadas mediante pesquisas na Internet e, na segunda, ainda encaminhamos correspondências às coordenações dos cursos.

Na segunda fase, na dissertação de mestrado (MARQUES, 2007), atualizamos as informações identificadas no projeto de iniciação científica e também:

- pesquisamos sobre a história da criação dos cursos de graduação em Arquivologia no Brasil, a partir: de uma pesquisa documental no Fundo Arquivo Nacional<sup>2</sup>, no acervo do Centro de Documentação (CEDOC) da UnB e na publicação Mensário do Arquivo Nacional (MAN); da elaboração e encaminhamento, às coordenações dos dez cursos de graduação em Arquivologia existentes à época, de um questionário<sup>3</sup> e de entrevistas com pessoas que participaram do processo de criação e implantação do Curso de Arquivologia da UnB<sup>4</sup>;
- identificamos a formação e titulação dos docentes desses cursos com a utilização do mesmo questionário;
- e mapeamos os eventos de caráter científico<sup>5</sup>, promovidos pelas associações de arquivistas do Brasil<sup>6</sup>, a partir de visitas aos seus sítios e de correspondências eletrônicas a elas enviadas.

A classificação temática das pesquisas foi feita a partir dos campos de pesquisa propostos por Couture, Martineau e Ducharme (1999) e conforme a classificação facetada, proposta por Ranganathan e retomada por Guinchat e Menou (1994).

A terceira fase da pesquisa, relativa à tese (MARQUES, 2011), retomou, ampliou e aprofundou os resultados das fases anteriores, agora analisados na perspectiva das interlocuções entre a Arquivologia nacional e internacional no desenvolvimento da disciplina no Brasil. Nessa fase:

- realizamos pesquisa documental: no Fundo Arquivo Nacional e na Revista Arquivo & Administração, a fim de identificar as relações de cooperação arquivística, entre o Brasil e outros países, com a vinda de professores, pesquisadores e profissionais de arquivo ao País e a participação de brasileiros em cargos e comitês de instituições internacionais no exterior; nos *Archives Nationales* da França, para identificar os brasileiros que participaram do *Stage Technique International d'Archives* (STIA); nos documentos do AN e na bibliografia da área, com o objetivo de mapear a participação de brasileiros em cursos promovidos pela Organização dos Estados Americanos (OEA), na Argentina e Espanha; e nos anais e resumos do Congresso Brasileiro de Arquivologia (CBA), para identificar a participação de estrangeiros nesse evento;
- mapeamos, na Internet e nas bibliotecas universitárias, os autores e as obras referenciados nas dissertações e teses arquivísticas, produzidas nos programas de pós-graduação do Brasil entre 1972 (primeira dissertação identificada) e 2006, ano que precedeu o início da tese;
- e, por fim, identificamos os grupos de pesquisa brasileiros, com temáticas arquivísticas, no Diretório de grupos do CNPq<sup>7</sup> e dos atores que os constituíam, em três situações: 1) dos currículos *lattes* dos autores das dissertações e teses com temáticas arquivísticas; 2) dos currículos *lattes* dos orientadores e co-orientadores dessas dissertações e teses; 3) e dos grupos de pesquisa em torno dos interesses da Arquivologia e dos arquivos. Nos dois primeiros casos, identificamos os cursos de graduação e especialização no Brasil e no exterior; os cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado realizados em outros países; as publicações em

periódicos estrangeiros, a apresentação de trabalhos em eventos realizados fora do País; as publicações de livros e capítulos de livros no exterior e a participação em grupos de pesquisa do CNPq. Os grupos de pesquisa foram pesquisados com uso das palavras Arquivologia, Arquivística e arquivo.

#### **4 RESULTADOS DA PESQUISA**

A partir do levantamento bibliográfico e das definições estudadas nos referenciais teóricos, pudemos compreender não somente o desenvolvimento da Arquivologia, como também as trajetórias da Museologia, da Biblioteconomia, da Documentação e da Ciência da Informação, tendo em vista seus diálogos, conflitos e alianças no campo da informação. Assim, com base em Bourdieu (2001), pudemos observar que as disciplinas que têm por objeto a informação constituem um campo comum, espaço de parcerias, mas também de conflitos.

Mais especificamente, no âmbito da formação e configuração da Arquivologia como disciplina, verificamos que a profissão de arquivista desenvolveu-se ao longo do tempo nas diversas sociedades, na medida em que evoluía a concepção da natureza dos documentos que deveriam ser conservados e o tipo de informação que se procurava. Sua especialização diante de outras profissões parte de uma origem mais ou menos indistinta entre as profissões de notário, ajudante de notário, escrivão, bibliotecário e documentalista. Aos poucos, as regras vão se formando, ligadas às práticas administrativas próprias de cada instituição e de cada país. A partir do Século XIX, os estudiosos e profissionais da área começam a redigir obras sobre as suas prática, na tentativa de consolidar alguns princípios gerais<sup>8</sup>. No final daquele século, as técnicas de gestão de arquivos começam a dar espaço a um corpo teórico, aparecendo os grandes manuais que consubstanciarão as bases teóricas da Arquivologia (DUCHEIN, 1993).

No Brasil, as primeiras preocupações voltadas para a formação especializada do arquivista são registradas naquela época, a partir da qual, e particularmente na segunda metade do Século XX, observamos a convergência de esforços do Estado, das suas instituições – sobretudo do AN –, das universidades e das associações de arquivistas para a institucionalização da disciplina no espaço universitário,

conjugando iniciativas em torno de discursos em defesa da relevância dessa formação para a adequada organização e preservação de acervos.

Até a Década de 1970, o papel e as contribuições do AN desenharam a tradição arquivística brasileira, com uma vertente histórica, no âmbito de estudos diplomáticos e paleográficos e do tratamento e disponibilização de fontes documentais. Na falta de um curso regular de arquivos, o Curso Permanente de Arquivos (CPA) é criado em 1960, num contexto de intensas contribuições francesas que tradicionalmente estiveram presentes na ciência brasileira e marcaram a trajetória dos arquivos, dos museus e das bibliotecas nacionais. A vinda do professor francês Henri Boullier de Branche, ao Brasil, evidencia o problema da formação de arquivistas, explicitando, num relatório técnico, a necessidade da oferta regular de cursos.

A partir daí, o AN receberia professores e pesquisadores de outros países como Estados Unidos (Theodore Roosevelt Schellenberg e Frank Evans), França (Michel Duchein e Charles Kecskemèti), Itália (Elio Lodolini e Salvatore Carbone), Espanha (Vicenta Cortés Alonso) e Argentina (Aurelio Tanodi), citando os nomes estrangeiros que mais se destacaram na história da Arquivologia brasileira. Suas palestras, cursos, mapeamento e organização de acervos, elaboração de instrumentos de pesquisa, diagnósticos e relatórios técnicos marcam não somente o contexto das suas visitas: dentre outras iniciativas, orientam a construção e implantação de edifícios de arquivo e o estabelecimento de uma política de arquivos; divulgam os avanços dos arquivos e da Arquivologia brasileira em outros países; e prestam assistência aos estágios de formação de arquivistas.

O CPA, que funciona no espaço do AN entre 1960 e 1977, é transferido, nesse ano, para a Universidade (hoje a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)) e inspira a criação de mais quatorze cursos de Arquivologia no País. Atualmente, a maioria desses cursos está vinculada administrativamente a unidades de Ciência da Informação (faculdades, escolas ou departamentos).

Acerca da formação e titulação dos professores dos cursos de Arquivologia, podemos constatar que a maioria é formada em Arquivologia, História e Biblioteconomia; possui mestrado em Memória Social e Documento, CI, História e Comunicação; doutorado em CI, História e Educação.

Projetos de iniciação científica vêm sendo produzidos por discentes desses cursos e dos cursos de Biblioteconomia brasileiros. Identificamos projetos de pesquisa com temas arquivísticos: mapeamos 23 pesquisas no primeiro caso e sete, no segundo, desenvolvidas até 2005<sup>9</sup>. Grande parte desses projetos relaciona-se aos arquivos e à sociedade, ao objeto e à finalidade da Arquivologia, às funções arquivísticas e ao meio profissional dos arquivos.

No âmbito da pós-graduação, o mapeamento dos cursos em CI e das suas linhas de pesquisa nos levou a uma produção considerável de dissertações e teses com temáticas arquivísticas nesses programas: das 101 dissertações e teses identificadas (MARQUES, 2011) – número atualizado, considerando-se as pesquisas das fases anteriores –, 50 foram produzidas na CI, sobretudo a partir dos anos 1990 e, majoritariamente, em português (inclusive traduções).

Quanto aos eventos científicos mapeados, estes nos remetem ao papel das associações de arquivistas no desenvolvimento da área. À época do levantamento de dados da dissertação (MARQUES, 2007), mapeamos quatorze Congressos Brasileiros de Arquivologia (CBAs)<sup>10</sup>, realizados pela Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB). Ainda identificamos eventos promovidos pelas demais associações de arquivistas, dos quais (21 eventos mapeados de 1998 a 2006), a maioria foi organizada pela AARS, num total de nove. A exemplo dos eventos da AAB, a grande parte desses eventos teve como preocupações centrais o objeto e da finalidade da Arquivologia, assim como o papel dos arquivos na sociedade, conforme a classificação que atribuímos aos seus temas gerais.

Ao retomar esses resultados na tese (MARQUES, 2011), tendo em vista a sua análise diante das possíveis interlocuções entre a Arquivologia nacional e a internacional, verificamos, de fato, intercâmbios entre esses dois contextos, com a vinda de profissionais e pesquisadores ao Brasil, como já mencionamos, além da publicação de obras estrangeiras traduzidas para o português, como veículos de circulação do pensamento internacional.

Buscando sintonizar-se aos avanços do exterior, o Brasil chega a realizar eventos internacionais e brasileiros procuram aperfeiçoar-se em outros países, participando de cursos promovidos especialmente na França, Espanha e Argentina, conforme constatamos na nossa pesquisa documental. Também dão suas contribuições, ao participar de cargos de instituições estrangeiras. Autores e

(co)orientadores de dissertações e teses com temas arquivísticos titulam-se e se especializam em outros países, onde publicam artigos e apresentam trabalhos em eventos. A produção nacional de obras arquivísticas alcança um número significativo, qualitativamente representada por autores que chegam a ter repercussão internacional. Grupos de pesquisa<sup>11</sup> começam a se delinear em torno de questões arquivísticas específicas, permeados por vieses internacionais, decorrentes da atuação dos seus atores no exterior.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de termos esgotado o mapeamento de aspectos caracterizadores da cientificidade da Arquivologia no Brasil, os resultados da pesquisa que empreendemos nos últimos nove anos nos remetem a elementos delineadores da formação e configuração de uma disciplina, inserida institucional e epistemologicamente no campo da informação. Observamos que a Arquivologia brasileira busca sintonizar-se aos avanços do pensamento arquivístico internacional, por meio da tradução de obras estrangeiras; da participação de profissionais e pesquisadores estrangeiros em eventos brasileiros e em projetos, cursos e estudos sobre a Arquivologia nacional; da participação de brasileiros em eventos científicos internacionais voltados para a área; e da produção científica de brasileiros no exterior.

Mais do que analisar números, é necessário ponderar os avanços da área, mediante um estudo entrecruzado e cuidadoso, que a relativize diante dos modelos científicos e das necessidades práticas de cada país. O seu desenvolvimento no Brasil nos reporta aos esforços dos profissionais para acompanhar os avanços internacionais: a Arquivologia brasileira já conta com uma trajetória de formação (quinze cursos), uma produção científica (mais de cem dissertações e teses arquivísticas) e uma circulação de saberes acumulados nos contextos nacional e internacional (com dezesseis CBAs e quatro Congressos Nacionais de Arquivologia (CNAs)), além das nove associações profissionais, dois periódicos especializados (Cenário Arquivístico e Arquivística.net) e mais de 3.600 arquivistas formados (SOUZA, 2010). A tradução de obras estrangeiras para o português refina essa

comunicação, via reconhecimento de autores e manuais legitimados como precursores das diversas tendências em movimento.

Embora estas conclusões nos pareçam óbvias, somente chegamos a elas por meio dos nossos referenciais teóricos oriundos da História, Sociologia e Filosofia: eles nos trouxeram uma abordagem qualitativamente crítica, permitindo-nos ratificar a hipótese central da tese (MARQUES, 2011) sobre as interlocuções entre a Arquivologia nos contextos nacional e internacional.

A compreensão dessas interlocuções demandou-nos o estudo das suas práticas até a institucionalização acadêmica da disciplina, caminho que perpassa a profissão de arquivista e a sua profissionalização. No caso do Brasil, semelhantemente ao que acontece em outros países, a trajetória das práticas arquivísticas até a sua regulamentação como profissão é permeada por lutas e alianças, tendo em vista o seu reconhecimento no âmbito das disciplinas que têm por objeto o estudo da gênese, organização, comunicação e disponibilização da informação. A proposta de Abbott (1988) propiciou-nos a compreensão desses conflitos e parcerias no que ele chama de “jurisdição no sistema de profissões”.

O estudo de Foucault (2005) contribuiu para a compreensão da formação, sistematização e circulação das tendências históricas do pensamento arquivístico internacional como discursos (acontecimentos regulares e em série, decorrentes e propiciadores de condições de possibilidades) e suas marcas na trajetória da Arquivologia no Brasil, num emaranhado de relações, enunciados, saberes e poderes, reveladores de tradições, por vezes reapropriadas em contextos diversos, via tradução de obras. Nessa perspectiva, utilizamos a definição de disciplina no âmbito do grupo de procedimentos internos aos discursos, para entender essa dinâmica entre os movimentos nacionais e internacionais da área.

As definições de disciplina científica, suas propriedades e desdobramentos (níveis de relações entre disciplinas) contribuíram para a delimitação científica da Arquivologia e das suas relações com outras áreas ao longo da sua trajetória. Mais especificamente, contribuíram para a análise da nossa hipótese no que tange à recente aproximação entre essa disciplina e a CI.

Ainda que voltada para as Ciências Naturais, a proposta de Kuhn (2005) serve de ponto de partida para os demais sociólogos teçam suas reflexões, ratificando-a ou criticando-a. Suas afirmações são parâmetros inclusive para as

Ciências Sociais, quando suas singularidades são cuidadosamente observadas. Nesse sentido, relativizando a condição da Arquivologia como Ciência Social Aplicada, tomamos as definições desse estudioso a fim de compreender o desenvolvimento do pensamento arquivístico internacional, ou seja, seus modelos (tomados como referências), crises, revoluções e evoluções no âmbito de diversas comunidades ou países. Nesse caso, diferentemente das Ciências Naturais, essas definições coexistem de forma não linear, decorrentes das práticas e demandas sociais, políticas e culturais, melhor trabalhadas por Knorr-Cetina (1981). Além disso, a concepção dos manuais científicos como “fontes de autoridade” nos auxiliou a compreendê-los como sínteses das tendências históricas do pensamento arquivístico, mesmo que num sentido peculiar, contingencial e operacional.

A partir de Bourdieu, pudemos estudar os *habitus* da Arquivologia, suas tradições (autores/obras/instituições/eventos), considerando que as práticas e o pensamento internacional germinam e se propagam nessas condições, possibilitando o intercâmbio de ideias entre os países. A noção de campo científico foi ponto de partida para a compreensão do campo transc científico, de Knorr-Cetina (1981), perspectiva que nos admitiu incluir o papel e atuação do Estado, da política científica, das escolhas e negociações dos agentes (científicos e não-científicos) na produção do saber arquivístico. Um bom exemplo para o caso brasileiro é a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq, que em parte intervém na produção científica, mediante a distribuição de investimentos na pesquisa.

Tendo em vista os resultados alcançados, consideramos que os métodos e referenciais utilizados na pesquisa mostraram-se eficazes, como instrumentais balizadores da nossa análise exploratória, descritiva e analítica da trajetória, dos movimentos e dos avanços da Arquivologia, que, no Brasil, já começa a esboçar sua tradição.

## REFERÊNCIAS

- ABBOTT, A. **The system of professions**: An essay on the division of expert labor. Chicago: Universidade de Chicago, 1988.
- BOURDIEU, P. **Science de la science et réflexivité**: Cours du Collège de France 2000-2001. Paris: Raisons d'Agir, 2001.

- COUTURE, C.; MARTINEAU, J.; DUCHARME, D. **A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo**. Tradução Luís Carlos Lopes. Brasília: FINATEC, 1999.
- CUNHA, A. A. da; RODRIGUES, G. M. A pesquisa em arquivística no Brasil: um estudo da produção científica nos programas de pós-graduação e de iniciação científica e do papel das agências financiadoras. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UnB, 9., 2003, Brasília. **Resumos...** Brasília: UnB, 2003.
- DUCHEIN, M. Archives, archivistes, Archivistique: définitions et problématique. In: FAVIER, J. **La pratique archivistique française**. Paris: Archives Nationales, 1993, p.19-39
- FONSECA, M. O. K. **Arquivologia e Ciência da Informação: (re)definição de marcos interdisciplinares**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2004. 181f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GUINCHAT, C.; MENO, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2.ed. Brasília: IBICT, 1994.
- KNORR-CETINA, K. D. The scientist as a socially situated reasoner: From scientific communities to transscientific fields. In: \_\_\_\_\_. **The manufacture of knowledge: An essay on the constructivist and contextual nature of Science**. Oxford: Pergamon, 1981.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- MARQUES, A. A. da C. **Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil**. Brasília: UnB, 2007. 298f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_. **Interlocações entre a Arquivologia nacional e internacional no delineamento da disciplina no Brasil**. Brasília: UnB, 2011. 399f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Universidade de Brasília.
- OLIVEIRA, R. C. **Tempo e tradição: interpretando a Antropologia**. Sobre o pensamento antropológico. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- SOUZA, K. I. de B. M. de. Visibilidade do arquivista no mundo do trabalho. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 4., 2010, Vitória. **Anais...** Vitória: AARQES; ENARA, 2010.
- WERNER, M.; ZIMMERMANN, B. Pensar a história cruzada: entre a empiria e a reflexividade. **Textos de História**, Brasília, v.11, n.1/2 2003.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Considerando a Arquivologia na classificação das áreas do conhecimento do CNPq atualmente em vigor, disponível em: <<http://www.cnpq.br/areasconhecimento/6.htm>>. Acesso 13 out. 2010.
- <sup>2</sup> Pesquisa realizada em abril de 2006.
- <sup>3</sup> Questionário encaminhado em outubro de 2005 e devolvido por 43 docentes, até março de 2006.
- <sup>4</sup> Foram entrevistadas, em novembro-dezembro de 2005: a professora Heloísa Liberalli Bellotto, que participou da implantação do curso no então Departamento de Biblioteconomia; a arquivista Astréa de Moraes e Castro, cujo papel foi relevante na história de criação desse curso, propondo um currículo mínimo e participando ativamente nas primeiras negociações, com os departamentos de História e de Biblioteconomia, para a sua implantação. Além disso, ela elaborou o projeto que originou o

---

Parecer n. 212, de 7 de março de 1972, acerca da criação de um currículo mínimo para os cursos de Arquivologia; participou das negociações para a implantação do curso de Arquivologia na Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal (AEUDF) e no Centro Universitário de Brasília (Uni-CEUB) e dirigiu o Núcleo Regional da AAB, em Brasília, em 1979. Ainda entrevistamos Nilza Teixeira, bibliotecária que contribuiu de forma relevante para a criação e manutenção do Núcleo da AAB de Brasília.

- <sup>5</sup> Não foram considerados os eventos de caráter técnico ou de treinamento promovidos por essas associações, como oficinas, cursos, palestras, etc., mas somente aqueles que apontavam para reflexões de interesse para a Arquivologia.
- <sup>6</sup> Nosso mapeamento contemplou os eventos promovidos pelas oito associações existentes à época da dissertação: Associação Brasileira de Arquivologia (ABARQ), Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP), Associação de Arquivistas do Rio Grande do Sul (AARS), Associação dos Arquivistas da Bahia (AABA), Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (AAERJ), Associação dos Arquivistas Espírito Santo (AARQES) e a Associação dos Arquivistas do Estado do Paraná (AAPR). Existe mais uma associação no Brasil: a Associação de Arquivologia do Estado de Goiás (AAG), criada recentemente.
- <sup>7</sup> Informações disponíveis em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>>. Acesso 17 ago. 2010.
- <sup>8</sup> Segundo Fonseca (2004), alguns estudiosos afirmam que essas obras datam do Século XVI.
- <sup>9</sup> Ano em que se fez o mapeamento dos projetos de pesquisa para a dissertação (MARQUES, 2007).
- <sup>10</sup> Até o momento, foram realizados 16 congressos pela AAB. No entanto, os dois últimos não foram analisados pela pesquisa.
- <sup>11</sup> Mapeamos, no Diretório de Grupos do CNPq, em agosto de 2010, 63 grupos: 26 de outras áreas, 25 comuns à Arquivologia e a outras disciplinas e somente doze propriamente arquivísticos.